

03 de setembro de 2017

Carta à um jovem autor,

Critiquei tudo, não me tolero... Não consigo dizer nada pra vc que não seja aquilo que minha percepção alcança. Sou pobre. Até mesmo de perguntas. Não presto pra nada. Nada presta nunca aliás. Pra que falar tanto? Achar que acha? Mas precisei aceitar este convite e talvez agora eu esteja escrevendo esta carta ao melhor autor do mundo. Não sei. Nada sei. Só sei que.

Primeira página: *algo de errado? meu computador não lê? veio com erro de impressão?* Sim. Erro de impressão. Impressão errada minha. A palavra tem corpo e é por isso que vejo de cara que não sou tão acostumada à ela assim, em sua totalidade. Minha percepção empobrecida pelo unidimensional apreende de início sua primeira face, a de frente, e se satisfaz com isso. Ao invés de rodeá-la e encontrar seu fundo, seus lados, vê-la de cima e de baixo, tateá-la. A palavra tem corpo. E isso se expressa antes que eu passasse à segunda página. Começamos bem Matheus. Vou precisar enxergar melhor, ler e tatear teu texto se quiser penetrá-lo e isso vc me deixa claro, preto no branco, graficamente, em sua capa!

Adentro a segunda página e vejo que há mesmo algo entre estes corpos palavras. Pela distância e pela respiração que se impõe para ler suas linhas. Entretanto não entendo muito. Quem tá falando e de onde. E me pergunto se isso é bom. Talvez não. Tanto que depois ao fim da página, vc tem que explicar qual o acordo, onde vc quer que nós estejamos. Será que é assim que se convida alguém pra entrar? Desconfio. Temos aqui um ponto bem importante. A porta da entrada na peça. Imaginando agora que não estamos te lendo, mas te ouvindo no teatro. Eu tendo a achar nosso público predominantemente barulhento e disperso ao entrar no teatro a não ser que algo no foyer ou no ambiente do teatro o sugira diferente. Iniciar com a poesia, com um sentido falho, que na escuta precisará ser decifrado, exige extrema atenção. Não sei se conseguimos isso de cara do jeito que vc lança os dados. Mesmo lendo tenho a sensação de adentrar sua angústia mas não sei me posicionar. E aí vc me diz como. Resisto. Por que já que não sei bem ainda, tb prefiro descobrir ao invés de ter que ser explicado. Obviamente que tudo isso muda quando chegamos ao final da peça e entendemos melhor o início, mas é aí justamente quando não temos mais a chance voltar ao começo e relembrar aquelas palavras. Seria bom, mas impossível no teatro. Esta pra mim é uma questão importante. Entendo que o prólogo deva ser independente, e proponha uma atmosfera, um ponto de vista, mas ao mesmo tempo é a minha porta de entrada. O convite. Se for uma pista falsa não serve nada ao resto. Cria dois começos somente. Não é o caso neste texto, mas acho que pode soar assim se não estiver um pouco mais claro o que vc realmente quer do olhar de quem te assiste. Se existe um acordo, ele precisa ser honesto, direto e claro. Ou eu, como expectadora, vou passar o resto da peça achando que vc pode estar me enganando.

Seguindo na evolução do esclarecimento das personagens, gosto de como se apresentam. Tudo simples. Não óbvio.

Na primeira cena entre Polícia, Cidadão e Tortura, sinto falta de um ato maior desse convencimento por parte do Cidadão que culmine no choro da Tortura e na quase inversão dos papéis. Quando vc sugere que a Polícia já se amarre nas primeiras frases vc tira um pouco da força vetorial dessa personagem. Ela já está ali na função de ser subvertida. Achava interessante vc não apressar este momento. Nos deixar ver e seguir mais os artifícios retóricos da poesia pra se fazer entender e promover estes deslocamentos que ela acaba por conseguir. A ideia dela talvez de chegar a recitar algo não te passa ela cabeça? Ou se ela já não tem palavras poéticas, e só lhe sobra a retórica, talvez brincar mais com isso. O sofismo por exemplo. Algo que trate deste embate da proibição da poesia no próprio jogo de palavras que se estabeleça entre estes dois. É muito interessante a Polícia assumir o lugar de quem não entende mesmo que quisesse e que o Cidadão/poesia tenha que se desdobrar pra se fazer entender. Vejo até possibilidade de humor aí.

Na segunda cena entre cidadão e Aqueles que mandam, sinto ali uma tendência ruim de fazer do cidadão um sujeito elegante, educado, que se desculpa por tudo, quase que determinando e antecipando a truculência alheia, quando na verdade a truculência está mais no ritmo das respostas daqueles que mandam e isso é bom. O cidadão não precisa ser tão nobre pra que os outros sejam intolerantes. Aqueles que mandam são intolerantes porque são. Mesmo que estes personagens não sejam pessoas, representem um conjunto, sejam quase arquetípicos, ele não precisam ser unidimensionais. Novamente é bom ter que procurar pelo seu fundo. Se não é o raciocínio psicológico realista que os movem, que seja então o ritmo e a forma que tem para se comunicar a regência do seu verbo. São assim, por que só sabem ser assim. Isso é belo e identificamos menos o ponto de vista de quem escreve, quem o autor Matheus quer que a gente abrace ou não. Essa é tb uma escolha que eu prefiro fazer sozinha já que de início vc me colocou no seu balanço tendo os mesmos poderes que vc, dramaturgo, para decifrar estes cérebros cegos. Não me entenda mal. O diálogo é bom.

Este próximo dialogo do Cidadão e da Polícia com a conivência da Tortura é a continuação do anterior. Sinto aqui que no momento que a Polícia aceita o jogo, talvez a partir dali o Cidadão pudesse adotar uma nova linguagem. Finalmente foi dada a permissão pra que alguma poesia se faça então por que não transformar este texto em prosa, um pouco didático em algo mais concreto, poético? Acho que é isso que faria o desmonte da Polícia e da Tortura mais do que uma chamada à consciência. Para se acessar aqueles que não falam a nossa língua é preciso mudar o jeito de se comunicar! Me parece que neste momento do jogo vc poderia introduzir algo nesse sentido.

A frase "julgam poetas pela fumaça de um cigarro" é linda!

Gosto muito do diálogo do Cidadão/ Pai com o Futuro. Vc nos coloca testemunhando o início de um aprendizado. De mão dupla. Geracional. Por isso mais ainda a vontade de vc já ter introduzido na cena anterior algo novo na linguagem. Agora o Futuro vem pra entender melhor como as coisas funcionam. A ordem das cenas, pra mim, tomaram este sentido. Apreende-se algo no jogo do



Cidadão e da Polícia que reverbera no Futuro! As cenas se ligam. Ainda melhor é que a cena termina com o Futuro ainda propondo algo novamente novo. A mistura ! Gosto muito.

Nada dizer sobre a cena que segue, só uma observação. O que vc sugere graficamente com as palavras que agora surgem nas caixas pretas deveria de alguma forma ser traduzido em cena. Como se uma outra face da palavra se apresentasse ali. Falo quase como encenadora. Me questiono certamente como uma. Como eu encenaria o surgimento dessa grafia em cena ? Como esses Vagabundos falam? Seriam os mesmos da primeira página só que estavam de costas? Devaneio Matheus. Mas acho que é pra isso tb que estou aqui, não?

Não entendo a cena da sala de jantar. Me coloco lá fora, fora da cela, onde a palavra não existe e é proibida, mas não entendo esse diálogo. O que vc quer dizer com o Matriarcado? Qual a diferença entre o Matriarcado e Aqueles que mandam e são pais? Não entendo. Não entendo a ideia de mercado. A ideia por trás da adotiva e da filha adotiva. Preciso entender? Seria bom ? O Matriarcado poderia ter escolhido Outro futuro pra si? É isso? Fiquei confusa.

Gosto dessa cena que se segue no sentido que consigo compreendê-la. O nascimento do Autor que de alguma forma consegue usufruir da própria censura, e ao avessá-la, encontra um prazer enorme em produzir/escrever algo que antes se encontrava reprimido. Tb imagino que a morte da Tortura pela Polícia seja um ponto alto dessa cena, surpreendendo-nos todos. É bom saber que o enunciado da Tortura não prevalece. Seria ruim pensar que é preciso ser torturado para ser lembrado e depois todo o calvário do mártir que se valoriza ao ser assassinado. Não! Queremos e precisamos de autores vivos e ensolarados. Me pareceu que era isso que vc queria que eu lesse. Era? A poesia liberta de qualquer condição. A Polícia finalmente entende, o Cidadão, a Criança, nós, qualquer um entende um beijo na boca. Uma relação que se faz na fusão/beijo na boca, no prazer da contradição das línguas e não mais na ideologização da palavra, como se ela fosse restrita à apenas alguns. Se a palavra tem corpo e mente como vc sugere, ela pode passear por aí!

Ao final, vc nos julga muito rapidamente ao dizer que não aguentamos muito nada que valha a pena. Vc se julga em algum lugar tb dizendo isso. Não sei bem qual. Desse lugar de onde leio, me parece que a questão é muito mais me sentir incluída do que necessária. Se vc nos quer neste balanço, precisa balançar com a gente! Não somos inquietos e insatisfeitos somente. Aqui de novo cuidado pra não nos expulsar. Somos cidadãos como vc , poetas , policia e torturadores. A questão é: quem nós vamos beijar!

Um beijo!

Boa sorte Matheus!

Susana



---